



SOL

05-03-2010

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 67140

Temática: Justiça

Dimensão: 3356

Imagem: S/Cor

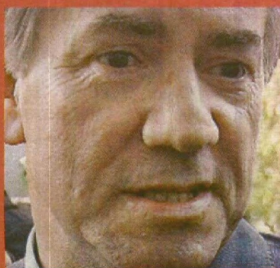
Página (s): 1/4 a 7

COMPLÔ NO GOVERNO

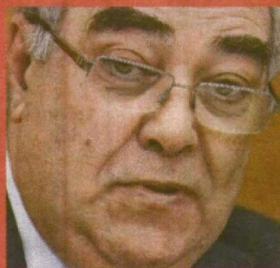


‘Enquanto a gaja lá estiver é uma chatice!
O Sócrates tem de dar uma sticada na gaja.
Ela está completamente queimada.
O Sócrates diz mal dela...’

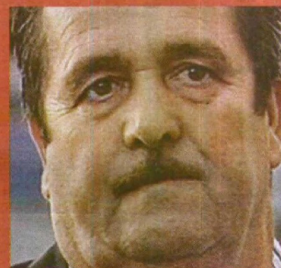
[A 'gaja' é Ana Paula Vitorino, ex-secretária de Estado, que se opunha aos negócios da REFER. Contra ela estavam Armando Vara, Mário Lino e Manuel Godinho] » Págs. 4/7



ARMANDO VARA



MÁRIO LINO



MANUEL GODINHO

Operação Face Oculta

Conspiração no Governo

Escutas do processo Face Oculta revelam que Ana Paula Vitorino era um obstáculo a remover para favorecer negócios nebulosos

Luis Rosa
luis.rosa@sol.pt

A EX-SECRETÁRIA de Estado dos Transportes, Ana Paula Vitorino, foi pressionada por Mário Lino em 2007 e em 2009 para pôr fim ao conflito judicial entre a empresa pública Refer e Manuel Godinho, e restabelecer as relações comerciais com as empresas deste (o grupo O2). Lino terá mesmo salientado que as empresas de Godinho eram 'amigas' do PS.

A ex-governante foi também contactada por outras pessoas da área do PS, que queriam ver destituído o presidente da Refer, Luis Pardal. Se não o fizesse, Mário Lino proporia a exoneração em Conselho de Ministros. A ex-governante, ao que o SOL apurou, ameaçou demitir-se, caso Pardal tivesse de sair.

Estes factos que o SOL confirmou junto de diversas fontes governamentais lançam nova luz sobre as provas já reunidas pelo DIAP de Aveiro no processo Face Oculta.

Contactada pelo SOL, Ana Paula Vitorino recusou fazer comentários: «Não quero falar sobre esse tipo de assuntos».

Mário Lino, por seu lado, afirmou ao SOL, há duas semanas: «A administração da Refer foi por mim proposta e reconduzida em 2009. Sempre teve o apoio do Governo». E garantiu: «Nunca recebi nenhum pedido para exonerar o presidente da Refer».

Luis Pardal tornou-se *persona non grata* para Manuel Godinho quando interpôs uma acção judicial contra a O2, em Abril de 2007, pedindo uma indemnização de 106 mil euros. A empresa de Godinho tinha levantado, em 2004, sem autorização prévia da Refer, 3.690 metros de carris e 5.272 travessas de madeira da linha do Tua. A O2 tinha alguns contratos de gestão da sucata de linhas férreas da Refer desde 2002, mas Pardal não perdoou, pois constatará outras irregularidades (como a sobrefacturação) por parte do grupo O2.

Além da acção judicial,



Ex-secretária de Estado foi pressionada a restabelecer a relação comercial entre a Refer e Godinho



Luis Pardal

Pardal (nomeado em 2005 por Vitorino) foi mais longe: proibiu informalmente os serviços da Refer de contratar qualquer empresa da O2 - facto que levou Godinho a criar novas empresas para participar em concursos da Refer.

O empresário da sucata foi informado antecipadamente de que a Refer ia avançar para a via judicial e recorreu aos seus contactos para travar tal investida. Foi nesta altura que Mário Lino falou pela primeira vez com a sua secretária de Estado sobre as queixas que recebeu. Disse Lino a Ana Paula Vitorino que a O2 era uma «empresa amiga do PS» e que estava a ser mal tratada pela Refer.

Vitorino terá então questionado Luis Pardal - tendo este relatado toda a informação sobre as irregularidades detectadas com o grupo O2. Essa mesma informação, segundo fontes governamentais contactadas pelo SOL, foi transmitida pelo próprio Luis Pardal ao ministro Mário Lino. Com a condenação da O2, em finais de 2008, ao pagamento de 106 mil euros (mais juros de mora), o assunto 'morreu'.

Financiamento partidário

O desespero de Manuel Godinho neste caso foi tal que chegou a dizer, já em 2009, a um funcionário da Refer (Carlos Vasconcelos, também arguido neste caso) que a solução para o problema poderia «passar



Ana Paula Vitorino terá ameaçado demitir-se se o presidente da REFER fosse exonerado

pela entrega de um donativo para uma campanha partidária». O DIAP de Aveiro entende, aliás, que Manuel Godinho contactou Vara e Lopes Barreira, entre outros, para conseguir a demissão de Vitorino e Pardal.

O empresário, entretanto, recorreu para o Tribunal da Relação do Porto - que acabou por lhe ser favorável (invocando a prescrição da queixa da Refer). Godinho distribuiu então a informação pelos seus amigos Armando Vara e Lopes Barreira.

As escutas do processo Face Oculta provam que Barreira contactou Mário Lino, a pedido de Manuel Godinho.

É nesta altura que o ministro das Obras Públicas, segundo fontes contactadas pelo SOL, fala pela segunda vez com a secretária de Estado sobre a O2 - numa altura em que as relações entre os dois já não eram as melhores. Por isso, Lino terá referido apenas que a O2 tinha ganho o processo na Relação do Porto. Mas sem resultados práticos.

As escutas do processo Face Oculta também comprovam, por outro lado, que Armando Vara, em Junho de 2009, intercedeu junto de José Sócrates para manter Cardoso dos Reis como presidente da CP - dirigente que Ana Paula Vitorino queria afastar.

Segundo soube o SOL, a ex-secretária de Estado tentou, de facto, substituir o presidente da CP - numa altura em que a empresa alterou o respectivo estatuto (de empresa pública para sociedade anónima) - e propôs-lhe ir para presidente do Instituto Português dos Transportes Marítimos, cargo que Reis recusou.

Ascensão e queda

Ana Paula Vitorino chegou a ser falada para sucessora de Mário Lino à frente das Obras Públicas no segundo Governo de José Sócrates. Mas o seu repatriamento para a Assembleia da República (onde hoje é coordenadora socialista das Obras Públicas) marca o desencantamento de José Sócrates

com Vitorino. Muitos socialistas vêem o dedo de Armando Vara na sua queda.

Este desterro também foi motivado pelo afastamento em relação a António Costa - o guru político que a tinha levado para o Secretariado Nacional do PS.

Contudo, as relações entre os dois deterioraram-se quando Costa chegou a presidente da Câmara de Lisboa em 2008. Tutelando empresas vitais para a autarquia como o Metro de Lisboa, a Carris ou a Administração do Porto de Lisboa (APL), Vitorino não gostou que Costa tentasse mandar nas 'suas' empresas, enquanto que o autarca destituiu que a sua apoiante não atendesse os seus desejos.

Em vésperas de eleições legislativas, os dois não se falavam. Foi neste período que António Costa recusou fazer campanha em Lisboa se Vitorino fosse incluída na lista da capital. Foi então transferida para o Porto. Mas, em política, o tempo cura depressa todas as feridas e, segundo fontes que lhes são próximas, os dois já fizeram as pazes.

Mendes e Santana apelam a Marcelo

Ex-líderes demarcam-se dos três candidatos às eleições no PSD e insistem com Marcelo Rebelo de Sousa **Pag. 12 e 13**

Leis eleitorais voltam à AR

O PS vai apresentar propostas para alterar as leis eleitorais autárquica e legislativa **Pag. 18**



Vara tem acesso directo ao Governo e ao 1.º-ministro



Mário Lino e José Sócrates foram interpelados para demitir Ana Paula Vitorino, segundo as escutas no Face Oculta

‘O Sócrates tem de dar uma sticada na gaja’

Conversas de Manuel Godinho desvendam teia de influências ao mais alto nível

A INVESTIGAÇÃO do Ministério Público (MP) e da Polícia Judiciária de Aveiro sobre o empresário Manuel Godinho revela uma teia de influências ao mais alto nível. Nesta, emerge como figura central Armando Vara, com acesso directo ao primeiro-ministro e a membros do Governo.

Ex-dirigente do PS, amigo de longa data de José Sócrates e banqueiro, por Armando Vara passam os negócios PT/TVI, PT/Tagusparke e Associação Nacional de Farmácias, entre outros. E ainda as pressões para demitir a secretária de Estado dos Transportes e o presidente da Refer (Rede Ferroviária Nacional) e evitar a demissão do presidente da CP Carlos dos Reis.

Em cada um destes casos, que se desenrolam ao longo de 2009, moveram-se

todas as influências possíveis para ter as pessoas ‘certas’ nos lugares certos. Ou para fazer rolar a cabeça de outras, como aconteceu com Ana Paula Vitorino: aquela que era vista até aí como sucessora de Mário Lino, atravessou-se no caminho, ao proteger o presidente da Refer (Rede Ferroviária Nacional) que tinha um contencioso com Manuel Godinho.

Este empresário, que acumula um historial de fuga ao Fisco e casos duvidosos no âmbito de concursos para a recolha e tratamento de resíduos industriais, movia-se bem ao nível dos quadros médios de empresas públicas (como a REN, a EDP e a Refer). Estes informavam-no antecipadamente dos concursos e negociavam directamente com ele a contratação de serviços e a forma de ludibriar as autoridades.

Terá sido através de um deles (Carlos Vasconcelos, da Refer) que Godinho conseguiu aceder a Fernando Lopes Barreira

(empresário da área do PS, também arguido no caso) e aos amigos deste: Armando Vara e Mário Lino.

Acusado de ter roubado carris na linha do Tua e de sobrefacturar serviços, Godinho tem um longo contencioso com a Refer (empresa pública da rede ferroviária nacional). O conselho de administração desta – presidido por Luís Pardal – deu ordens, informalmente, para que às empresas de Godinho (grupo O2) não fossem adjudicados mais concursos.

Mas, para Godinho, Pardal só fazia isto porque tinha o apoio da tutela, a secretária de Estado Ana Pau-

la Vitorino. O objectivo que passa então a mover Manuel Godinho e os seus colaboradores fica bem ilustrado no desabafado que tem, numa conversa telefónica com um dos outros arguidos no ‘Face Oculta’: «**Enquanto a gaja lá estiver, é uma chatice!**».

As diligências para afastar Vitorino começaram em Janeiro de 2009 e durariam até ao Verão (quando o empresário percebeu que o seu objectivo era já impossível de concretizar, dada a iminência das eleições legislativas). Segundo o MP, Lopes Barreira e Armando Vara aceitaram ser os pontas-de-lança junto do Governo: enquanto Barreira telefonava a Mário Lino, ministro das Obras Públicas (tutela de Vitorino), Vara ligava a José Sócrates. E por isso estão ambos indiciados neste processo por crimes de tráfico de influências – estando o MP convicto de que Godinho pagou a Vara e Barreira, a cada um, 25 mil euros.

No dia 10 de Fevereiro

de 2009, Carlos Vasconcelos, quadro da Refer (e arguido) definia bem a situação: «**A gaja agora atirou-se ao Sócrates na história do Tua [polémica sobre a recuperação desta linha de comboio, em Trás-os-Montes]. Ó pá, o Sócrates tem de dar uma ‘sticada’ na gaja. É que isto está de facto a entrar por um caminho preocupante.**».

‘Pardal tem os dias contados’

Três dias antes, porém, Manuel Godinho tinha almoçado com Vara, na casa deste em Vinhais. Por isso, estava convencido de que «**as coisas estão a ficar melhores**», como diz para Manuel Guiomar (funcionário da Refer, também arguido), no dia 5 de Março. José Valentim, outro quadro da Refer, sintetizava a situação: «**Os gajos não têm mão no Pardal**», mas este «**tem os dias contados, isto é uma questão de dias, de certeza.**»

A juntar à crise, o empresário via diminuir as os concursos adjudicados às suas empresas. «**Estou aflitíssimo**» – confessa a Paulo Penedos (advogado e também arguido no Face Oculta), re-

ferindo-se à «**falta de trabalho**». Para resolver a situação, diz que vai telefonar a Vara, «**va ver se ele dá um empurrão aqui, um empurrão acolá.**»

Quem também desenvolve contactos é Lopes Barreira, que alardeia a sua facilidade em falar com o ministro Mário Lino (Obras Públicas) e com Jorge Coelho (outra figura socialista), e de chegar a José Sócrates.

A 11 de Março, Barreira promete a Godinho que vai falar ao vice-presidente do BCP: «**O Armando agora, com as relações com Angola [Vara era presidente do BCP Angola], o gajo pode arranjar umas coisas bestiais para si. Presidente de um banco, tão importante como aquele, que está metido nos mais variados negócios, pá, e o senhor é um homem de ser priorizado, não pode andar a sofrer aqui eternamente.** Tanto o Jorge como ele: eu vou falar com os dois.»

Até Ana Paula Vitorino foi visitá-lo ao hospital – salienta Barreira, **» Continua na página seguinte**

Godinho diz que vai falar com Vara, para ‘ver se ele dá um empurrão aqui, um empurrão acolá’

Pressões e negócios

Continuado da pág. anterior ► que esteve doente nesta época: «Foi antontem. Disse-me 'andamos um bocadinho de bandeias às avessas, mas temos que falar disso'».

Lopes Barreira toma as dores de Godinho, diz que percebe bem a situação do empresário de Ovar, pois ele próprio ainda não conseguiu receber «dois milhões e meio da RAVE» (empresa pública da Rede de Alta Velocidade, também sob a tutela de Vitorino).

A 10 Abril, Lopes Barreira informa Godinho de que «a Ana Paula Vitorino vem cá almoçar comigo, a minha casa, segunda-feira» e que também tinha falado «com o Lino». «Mas o gajo [Luís Pardal] não faz cedências, continua a lixar-nos. Ele tem indicações de alguém, de certeza» – queixa-se Godinho. «Eu não faço ideia. O Sócrates sabe perfeitamente o que se passa», responde Lopes Barreira.

Pelo meio, Vara vai falando também com Godinho. A 28 de Maio, ocorre o telefonema que o Ministério Público (MP) considera ser a prova de um pagamento (ver transcrição nesta página). Numa conversa cifrada, Godinho pergunta a Vara se «aquilo dos 25 quilómetros» era «para agora» – e o MP considera não haver dúvidas de que estavam a referir-se a 25 mil euros em 'luvas'.

Em 5 de Junho, Vara telefona a Manuel Godinho, para saber se já tinha falado «lá com o homem da Refer». O empresário de Ovar responde que não e anuncia-lhe que sabe que o Tribunal da Relação do Porto lhe vai dar razão no processo da Refer.

'Vou pôr a questão ao Lino'

No dia 15 de Junho, Godinho comunica também a Lopes Barreira que ganhou este processo judicial. Acha que agora «é possível uma reconciliação»: «Se eles me derem os trabalhos que me tiraram, calo-me bem calado». «Então vou dizer

ao Lino, logo já lhe telefono», garante Lopes Barreira. Godinho pede-lhe também que «telefone ao nosso amigo» (Vara).

Com a decisão da Relação, que o MP de Aveiro suspeita ter sido um favor, o grupo pensa convencer Mário Lino da inocência de Godinho e assim afastar Pardal e a secretária de Estado.

Godinho, Lopes Barreira e Vara combinam então um almoço – que se realizou a 20 de Março, na casa do primeiro, em Ovar. O MP defende que foi nesta ocasião que Manuel Godinho pagou 25 mil euros a cada um.

No regresso a Lisboa, Lopes Barreira telefona a Godinho para lhe agradecer o almoço. E renova a promessa de falar a Mário Lino: «Aquilo que o Armando lhe disse, eu concordo, pá, que isto não pode ficar assim, tem que se ver aí... Eu até ia fazer uma coisa que fica aqui entre nós, nem diga nada ao Armando: ia pôr a questão ao Lino, hum?». «Sim, é isso que eu pretendo, tá a ver» – concorda Godinho. O ministro «é bom rapaz», explica Barreira, «mas quem manda é ela» (Ana Paula Vitorino). «Ela está completamente queimada, mas não fazem nada. O Sócrates é contra ela, ele diz mal dela...». «Mas compreende-se a posição do chefe neste momento», responde Godinho, referindo-se à proximidade das eleições legislativas.

No processo judicial, a Refer tinha entretanto recorrido para o Supremo Tribunal de Justiça (STJ). Godinho fala então com o seu advogado, Melchior Gomes (também arguido no Face

Oculto) e pergunta-lhe se o processo no STJ ainda pode ter um desfecho que lhe seja desfavorável. O advogado responde que não – mas «vamos estar atentos: a gente conhece lá muita gente e boa». «Pronto, é isso que temos que ver. Ou é necessário falar?» – questiona Godinho, explicando que o «outro senhor... ahm, que eu mandei o processo para analisar, diz que não há hipótese nenhuma de recurso». Percebe-se que se refere a Armando Vara: «Eu, no sábado, estive com algumas pessoas [Vara e Lopes Barreira] e o que me disseram é que nós deveríamos reagir, ir para a comunicação social», explica Godinho. Decide então com o advogado que iriam fazer «uma carta» para enviar a alguns jornais e à RTP. Isso funcionaria como forma de pressão: diriam que «a intenção da O2 é mover um processo-crime contra o senhor presidente e vice-presidente [da Refer], com pedido de indemnização de cinco milhões de euros».

'Isto não vai acabar bem'

Manuel Godinho tinha entretanto conhecido Manuel Rodrigues, um empresário com ligações aos Estaleiros Navais de Viana do Castelo. Lopes Barreira sabe e comenta com Godinho as perspectivas: «O Manel é muito boa pessoa e é muito meu amigo. Agora é um dos braços direitos do Amorim. O senhor tem algum dificuldade em Viana do Castelo? O Manel mexe-se totalmente bem aí». «Mas aquilo está parado», ad-

mira-se Godinho. «Eu sei, eu sei» – diz Barreira – «mas se tiverem alguma sugestão para porem aquilo a funcionar outra vez, diga-me que eu falo com o secretário de Estado, pois eu dou-me bem com o gajo, pá. Se o sr. tiver alguma ideia para falar, a gente vai tentar fazer com ele».

Por esta altura, Godinho e os seus homens já andam desiludidos com o dossiê Refer/Vitorino. Sabem que a proximidade das eleições legislativas lhes é adversa e, além disso, o PS tinha sofrido uma pesada derrota nas europeias. «Sócrates está quietinho, nem se quer mexer», diz Carlos Vasconcelos. E «Mário Lino, das reformas que queria (o aeroporto, o TGV), meteu a viola no saco em tudo», «não avançou com nada», responde Godinho. «Eu não me acredito que haja mudanças agora, antes das eleições. Ele foi burro. Ele devia ter feito as eleições antes. Agora, olha, temos que esperar», remata Godinho.

Pelo meio, Vitorino é referida em termos insultuosos, fazem-se insinuações à sua vida particular e até que o seu percurso pelo Governo tinha sido «altamente produtivo».

Em finais de Julho, Lopes Barreira telefona a Godinho, dizendo que vai chatear Mário Lino: «A gaja anda-nos a perseguir à ti e a mim, a nós, e perseguições destas não as admito seja a quem for. Somos pessoas de bem e queremos trabalho, pá...». «Exactamente», conclui Godinho. «O Lino ligou-me ontem e eu disse-lhe: a culpa é tua porque tu és o chefe e não tens coragem para a pôr na ordem». «Mas também agora isto tá a acabar o senhor doutor. Até aí para os nossos amigos não vai acabar bem. Eles estão convencidos de que vão ganhar as eleições e isto há um descontentamento muito grande», conclui Godinho.

A 29 de Julho, Godinho confidencia a Carlos Vasconcelos: «Eu estou lixado com isto, sinceramente, estou mesmo desiludido com muita gente».

Ana Paula Azevedo
e Fátima Cabrita

A conversa que incrimina Vara

28/05/2009



Para o Ministério Público e o juiz de instrução do processo Face Oculta, há indícios muito fortes de que Armando Vara cometeu o crime de tráfico de influências, ao realizar diligências para que o presidente da Refer, Luís Pardal, e a secretária de Estado da tutela, Ana Paula Vitorino, fossem destituídos. Vara foi confrontado com uma série de fotografias de encontros e muitas escutas telefónicas – nomeadamente, a que a seguir se transcreve e que os magistrados consideram provar que iria receber 25 mil euros (os «25 quilómetros») como contrapartida:

MANUEL GODINHO – Sim.

ARMANDO VARA – Olá. M.G. – Olá, boa tarde. Está tudo bem?

A.V. – Viva. Como está? Tudo bem. Então?

M.G. – Você ligou-me. A.V. – Eh! Hoje não.

M.G. – Foi ontem? A.V. – Liguei-lhe há dias para saber como é que tinha corrido aquilo do... mas já falámos depois disso.

M.G. – Está a correr bem. Eh! Não, eu tinha aqui hoje uma chamada não atendida.

A.V. – Sim, porque ele pediu-me para lhe... ele queria falar consigo, não era?

M.G. – Foi ontem, então, não foi?

A.V. – Foi, foi... não, ontem não.

M.G. – Eu estava na recepção, tá a ver? Eu estava na recepção e o senhor já estava lá em cima. Estávamos desencontrados.

A.V. – Pois foi, pois foi. Foi nessa altura, foi.

M.G. – É que eu cheguei mais cedo.

A.V. – Tá bem.

M.G. – Olhe!

A.V. – Tá tudo a correr bem.

M.G. – Você aqui há dias falou-me, falou-me naquela situação, que lembra-se? E era para agora, era?

A.V. – A situação de quê?

M.G. – Se for, para a semana passo por aí.

A.V. – Não me lembro do quê!

M.G. – Eh! Você falou-me em 25 quilómetros.

A.V. – Não, não, não, é para depois, isso é para depois.

M.G. – Ah! Então depois a gente fala tá bem?

A.V. – Tá bem, tá bem. OK. A gente depois vê isso.

M.G. – Tá OK. Pronto. De resto, está tudo a correr bem.

A.V. – É. Ele disse-me que estava, que tinha falado e depois ligou-me, pediu-me para lhe dar o telefone...

M.G. – Pois.

A.V. – ... para falar de outra coisa.

M.G. – OK, OK.

A.V. – Sim, senhor. Então vá.

MG – Tá. Um abraço, senhor doutor.

A.V. – Um abraço para si também.

M.G. – Obrigada.

O dinheiro, sustentam os magistrados de Aveiro, terá sido entregue depois, num almoço em casa de Godinho, no dia 20 de Junho – e no qual também esteve Lopes Barreira, suspeito de ter recebido igual quantia. No interrogatório em Aveiro, Armando Vara negou e disse que a conversa em causa é apenas a combinação de um depósito de 250 mil euros de Manuel Godinho no BCP. 'Quilómetros', alega, é um termo usado por alguns banqueiros e empresários, sendo que 'um quilómetro' significa 10 mil euros. Tanto o procurador João Marques Vidal como o juiz de instrução António Gomes consideraram esta explicação inverosímil.

O que é o tráfico de influências

SEGUNDO o Código Penal (artigo 335.º, n.º 1), faz tráfico de influências «quem, por si ou por interposta pessoa, com o seu conhecimento ou ratificação, solicitar ou aceitar para si ou para terceiro, vantagem patrimonial ou não patrimonial, ou a sua promessa, para abusar da sua influência, real ou suposta, junto de qualquer entidade pública». A pena prevista para este crime é de seis meses a cinco anos de prisão (podendo ser mais elevada se o objetivo for obter uma decisão ilícita favorável).

27/03/09



Lopes Barreira (foto à esquerda), que esteve doente, conta a Manuel Godinho que os «amigos» foram todos visitá-lo. No dia seguinte, vai estar com Vara e vão chamar o ministro Mário Lino, para discutir outra vez o problema que têm com a Refer. Mais tarde, quando foi interrogado pelos magistrados de Aveiro, Vara admitiu que é amigo de Lopes Barreira, mas considerou que nas suas afirmações havia uma tendência para o exagero. Já Lopes Barreira não quis prestar declarações.

LOPES BARREIRA – Os nossos amigos têm-se portado lindamente comigo. Vieram todos, sem excepção. Tudo me veio visitar, tudo... portaram-se muito bem. Amanhã...
MANUEL GODINHO – Diga. L.B. – ... vem o Armando aí e vamos ter uma conversa sobre a Refer.
M.G. – Ai é?
L.B. – É, é.
M.G. – Aquilo está mau outra vez, é?
L.B. – Pois está. Tá mau p'ra mim... não me dão nada.
M.G. – Sim, sim. Não lhe dão nada.
L.B. – Eu falei com o Armando e ele vem cá a minha casa amanhã... e chamamos o Lino...
M.G. – Sim.
L.B. – ... p'ra ver se o gajo tem se meter nisso... Eu noutra dia disse ao gajo... Tem sido um gajo muito amigo meu. Tem-me vindo visitar, quase dia-sim-dia-não cá está ele.
M.G. – Pois.
L.B. – E eu disse ao gajo: pá, aquele problema do sr. Godinho tá uma coisa complicada. E ele: 'Ah, pois, aquele Pardal tem um feitio...'. Eh pá, isso não é o feitio do Pardal, isto são coisas mais lixadas, maquiavélicas – foi o que eu disse ao gajo. E disse: tu não tens lido jornais? Tu não viste o que se passou que andaram a acusar o sr. Godinho de roubar carril ali no Tua, pá?
M.G. – É verdade.
L.B. – Tu achaste que aquilo era pacífico? Só tipos de

cabeça suja é que fazem uma coisa dessas, pá... e com segundas intenções.

M.G. – Exactamente. O nosso amigo vai aí amanhã, é?
L.B. – Vai.

M.G. – Pronto, porreiro.
L.B. – Aos sábados estamos sempre juntos.

2 de Abril

Manuel Godinho recebe um telefonema de José Valentim – funcionário da Refer, também arguido no Face Oculta. Está indiciado de cooperar com o empresário, dando-lhe informações e ajudando-o a ganhar concursos.

JOSÉ VALENTIM – Bom dia chefe. Tudo bem, ou não?
M.G. – Bom dia. Está tudo OK?

J.V. – Está tudo a andar, cá vamos andando, nesta luta.

M.G. – Tem que ser. E como é que está isso aí, pá?

J.V. – Ó pá... está muito complicado para o lado do Pardal sair.

M.G. – Ai é?
J.V. – É, é, é!

M.G. – Então mas porquê, pá?

J.V. – Está muito complicado porque... dizem que o gajo que sai, que sai, mas está agarrado, não é?

M.G. – Pois, e enquanto a gaja lá estiver é uma chatice.

J.V. – Não, não sai. Enquanto, a gaja lá estiver e com estes problemas todos que têm surgido.

M.G. – Pois. Pois.
J.V. – Com o Sócrates. Isto tá uma situação muito complicada. O gajo, eles

estão em guerra uns com os outros. Tás a ver?

M.G. – Ele com toda a gente.

J.V. – Ele anda em guerra com toda a gente e toda, e a gaja também está em guerra com o primeiro-ministro, tá a ver?

5 de Junho

Manuel Godinho liga a Armando Vara para lhe comunicar que a Relação do Porto ia absolver a sua empresa, a O2, de indemnizar a Refer em 106 mil euros no caso dos carris roubados da linha do Tua (o conhecimento antecipado da sentença está, de resto, a ser investigado no Supremo Tribunal de Justiça, por suspeita de infracção dos juizes da Relação).

MANUEL GODINHO – Bom dia senhor doutor, como está?

ARMANDO VARA – Tudo bem. Então? Já fez o pedido, lá da Refer? Já fez a chamada?

M.G. – Não. Falaram-lhe nisso outra vez?

A.V. – Não, não. Mas não ia pedir uma reunião lá com o homem?

M.G. – Nós temos uma reunião que nós... eh, a acção vamos ganhar.

A.V. – Sim.
M.G. – É para o dia 17, salvo erro.

AV – Uh!
M.G. – Mas há uma situação que nós... eh, a acção vamos ganhar.

A.V. – Pois. Já me tinha dito. Mas tinha ficado combinado que... mas depois de publicar, não é?

M.G. – Mas depois você

disse-me que não, para deixar sair.

A.V. – Que era melhor deixar sair. Exactamente. Tá bem, tá bem. Pronto. Tá tudo a correr bem então, não é?

M.G. – Está. E pronto. Eh, parece que se viu agora uma luz ao fundo do túnel.
A.V. – Muito bem.

19 de Junho

Manuel Godinho fala com Manuel Guiomar. Trata-se de um funcionário da Refer também arguido no processo Face Oculta, suspeito de dar informações e ajudar o empresário de Ovar a vencer concursos na área dos resíduos. Godinho revela que no dia seguinte, em sua casa, vai ter um almoço com «umas pessoas» (trata-se de Vara e Barreira).

MANUEL GUIOMAR – Então, ouve lá: aquilo deu alguma coisa, algum acordo?
MANUEL GODINHO – Estão agora os advogados a tratar.

M. Guiomar – Ah, tá bem.

M.G. – Mas eu amanhã vou ter aqui um almoço com umas pessoas, porque... já me garantiram... que nem ela [Vitorino] e ele [Pardal], que não ficam. Tás a ver?

M. Guiomar – Boa, boa.

M.G. – Nem ele, nem ela.

Manuel Guiomar – Pois, isso vai ser importante.

M.G. – Vai, vai. É que a protecção que o gajo tem, pronto, falha.

M. Guiomar – Acabou.
M.G. – Assim está toda a gente chateada com a situação.
Manuel Guiomar – Claro.

Tráfico de influências no caso ANF

O DEPARTAMENTO de Investigação e Acção Penal (DIAP) de Lisboa está a investigar o crime de tráfico de influências no caso da Associação Nacional de Farmácias (ANF), revelado pelo SOL na passada edição. Trata-se de uma certidão do processo Face Oculta, onde se pretende apurar se a ANF foi beneficiada de forma ilegítima na alteração de um decreto-lei sobre a concessão de farmácias hospitalares a privados – modificação que, segundo as escutas a Armando Vara e Lopes Barreira no processo Face Oculta, ocorreu depois de este diploma ser aprovado em Conselho de Ministros.

A investigação está no início, mas deverá concentrar-se no processo legislativo do Governo - onde terão tido um papel decisivo, a favor da ANF, Armando Vara, Lopes Barreira e Fernando Serrasqueiro (secretário de Estado do Comércio).

A ANF – presidida por João Cordeiro, que foi interceptado nas conversas com Vara e Barreira – reagiu, entretanto, à notícia do SOL, dizendo que as escutas citadas «são falsas ou propositadamente desenhadas do contexto, sendo abusivas as ilações deles retiradas».

Em comunicado, na sexta-feira passada, a ANF afirmava ser «descabida» e «drónica, a insinuação de favorecimento das farmácias portuguesas por parte de um Governo que desde o primeiro dia anunciou – e concretizou durante toda a legislatura – o objectivo de prejudicar o nosso sector».

Esta não é, no entanto, a opinião que o próprio Cordeiro por várias vezes já manifestou: «Sócrates soube mostrar carinho pelas farmácias», disse, por exemplo, em Abril de 2008 ao Expresso. Nem a leitura que faz, por exemplo, o deputado do BE, João Semedo: «Não tenho qualquer dúvida de que este Governo é amigo das farmácias, que é

muito sensível aos seus interesses».

As relações de Cordeiro com os 'escutados' na Face Oculta vêm de longe. Segundo soube o SOL, o empresário Lopes Barreira conheceu o presidente da ANF através de um familiar próximo que é farmacêutico e apolante de Cordeiro.

Quando às relações com Armando Vara, ter-se-ão intensificado depois de este ter assumido a vice-presidência da Caixa Geral de Depósitos (CGD). Vara terá tido, aliás, um papel preponderante no polémico processo, liderado em 2006 pelo ex-ministro da Saúde Correia de Campos, de pôr fim ao protocolo entre o Governo e a ANF – em que esta servia de intermediária entre o Estado e as farmácias, antecipando o pagamento das dívidas a troco de uma comissão de 1,5%.

Na altura, a associação de Cordeiro criou uma sociedade de factoring, a Finanfarma, a quem todas as farmácias acabaram por ceder os créditos sobre o Estado – mantendo assim a intermediação nas mãos da ANF.

Acontece que, para o fazer, a Finanfarma precisou de suporte financeiro – e obteve-o precisamente na CGD. Na altura, e segundo contaram ao SOL fontes da Caixa, Vara tinha o pelouro desta área de negócio e «acompanhou directamente todo o processo». Fontes socialistas garantem, por outro lado, que na altura Correia de Campos chegou a manifestar estranheza por ser a CGD a «contrariar» o Executivo nesta questão, anulando o efeito político do fim do protocolo com a ANF.

Mais recentemente, a CGD voltou, entretanto, a aliar-se a Cordeiro, quando este lançou o programa associado ao cartão das Farmácias Portuguesas (um cartão de pontos e de crédito para os clientes das farmácias).

Grça Rosendo, Luís Boas e Tânia Furrera

Demissão anulada na CP

18/06/09 22h17

Desconhecido e Armando Vara
Uma pessoa não identificada, com voz masculina, telefona a Vara e diz-lhe que «a gaja» (referindo-se à secretária de Estado dos Transportes, Ana Paula Vitorino) demitiu Francisco Cardoso dos Reis, presidente da CP. Tal teria acontecido por «indicação do primeiro-ministro» e o desconhecido pede a Armando Vara que faça alguma coisa. Este responde que vai mandar uma mensagem ao «Primeiro».

22h25

Armando Vara para indivíduo não identificado sms: Vai ver o que se passa

22h26

O mesmo indivíduo e Armando Vara sms: Ok

19/06/2009 11h08

Francisco Cardoso dos Reis e Armando Vara
O próprio presidente da CP telefona a Vara. Este pergunta se já lhe disseram alguma coisa e se continua no lugar. Cardoso dos Reis responde que não e pede-lhe opinião. Diz que tem uma «carta de demissão pronta» para apresentar ao Governo. Armando Vara diz que o primeiro-ministro «já ficou f... que já falou com o Mário Lino e que já mandou parar tudo». Termina assegurando a Cardoso dos Reis que irá manter-se no lugar.